

NARRATIVAS DE UMA IDENTIDADE DOCENTE LAVRADA NO ENSINO DE HISTÓRIA

GILBERLIANE MAYARA ANDRADE MELO

Mestranda em educação pelo POSEDUC e Professora da Faculdade de Educação da Universidade Do Estado Do Rio Grande Do Norte(UERN).

Email: gilberliane.melo@ufersa.edu.br

Era uma vez ...

Sempre gostei de conto de fadas, principalmente, as que minha avó materna contava, não tinha favoritas, em cada fase da vida preferia uma, ultimamente, comecei a apreciar “João e o pé de feijão”, admiro a coragem do menino em encarar o desconhecido ao subir naquela planta enorme sem prever o que iria encontrar, sem a certeza que poderia voltar ao ponto de partida, a perseverança em busca de um objetivo. Talvez, por nesse momento, me sentir um pouco como João, plantando nessas poucas palavras, o que tenho de melhor, de mais valioso para oferecer, e com a esperança – mesmo com muitas pessoas desacreditando – que daqui brotará um (re)começo para a realização de minhas aspirações pessoais-profissionais.

Além das histórias, aprendi outra coisa com minha avó: a gostar de ensinar! Ela era professora, além de outras funções que a mulher acaba adotando no decorrer da vida, hoje aposentada, borda, cuida das plantas e de poucos animais nas proximidades da cidade do Itaú-RN. Nunca fui boa no bordado, mas desde de pequena ensaiava métodos de ensinar, lembro que na cidade onde morava: Severiano Melo, numa rua sem nome, aos 10 anos juntava alguns amiguinhos da rua, com idade menor, para ensinar a ler, trazia o giz da escola, porque a professora me dava por bom comportamento, na época fazia a 4ª série do primário (atual 5º ano do ensino fundamental I), adorava aquela brincadeira e não sabia o porque ainda, porém ela cessou quando meu pai, descobriu que estava juntando uma “molecada” lá em casa.

Com o tempo e as proximidades do ensino médio, comecei a sentir que não conseguiria suprir meus desejos naquela cidade, onde até hoje minha família mora, e aos 15 anos vim para Mossoró morar na casa de uma tia, pela qual tenho muito carinho. Lembro perfeitamente, daquela primeira tarde, quando meu pai veio me deixar, não falou nada comigo durante toda uma hora de viagem (ele nunca falava), chegando lá, no meio de uma conversa, minha tia perguntou: Você vai prestar vestibular pra quê? Eu respondi que queria fazer Direito, porque achava que meu pai ia se agradar da resposta, mas ironicamente, ele disse que os advogados vivem da desgraça dos outros, e que se ele ia pagar para eu estudar fora, tinha que ser para fazer um curso que desse muito dinheiro, ele sempre sonhou que eu cursasse medicina. Naquela época, eu não sabia bem o que queria de fato, mas medicina eu tinha certeza que não era.

Mais tarde, o primeiro vestibular que fiz foi pra Ciências Sociais, e enfrentei bastante os lamentos do “velho”, acabei trancando o curso por problemas na gravidez, casei, e os problemas cessaram, retornei ao curso, e por motivo de doença da minha mãe, tive que voltar para morar na sua cidade, acabei desistindo do curso, e fazendo outro vestibular, no qual passei para o curso de Pedagogia, campi avançado da UERN, localizado na cidade de Pau dos Ferros-RN, era mais próximo de Severiano Melo e eu podia me deslocar diariamente, não conhecia o curso, entrei pela comodidade, “foi um chute certo”.

Por questões maritais retornei a Mossoró, e continuei a partir do 3º período o curso de Pedagogia no Campus Central, durante todo percurso, não tive dificuldades e comecei a perceber que sem saber havia feito a escolha certa, quem sabe o destino...em 2006 concluí o curso inquieta com a problemática da relação teoria-prática, o estágio me trouxe enormes conflitos, percebia naquele instante, que não havia receitas nem teorias que por si só dessem conta da aprendizagem, vivenciava na pele a figura da bela ador-

meçada, não tão bela, que se acordara de um sono profundo, não pelo suave calor do afago de um príncipe, mas pela desesperança de ter perdido quatro anos de minha vida, vivendo um sonho que não valia apenas sonhar.

A partir daí, veio o alento, cursando a especialização em educação na modalidade formação de professores, com o projeto da monografia todo pronto, minha orientadora me fez a proposta “indecorosa” de usar o método autobiográfico e analisar todo o percurso de minha formação inicial na perspectiva da relação teoria-prática, ela foi sincera em dizer que não tinha experiência com esse método, mas mesmo assim me encorajou a buscá-lo. Foi meu primeiro contato acadêmico com ele, e o mais importante até agora, levando em consideração que foi onde tudo começou...

Hoje, professora substituta da mesma faculdade de educação onde (re)inventei o conceito de práxis, ensaiei e ensaio minha profissionalização, me angustiei e me angustio com a falta de trato teórico-prático na academia, mesmo num curso como o de pedagogia que prega a aprendizagem significativa, a avaliação durante todo o processo educativo, sem preconceitos ou discriminações. Por tudo isso, e ainda pelo prazer de ensinar/aprender, de Aprender/ensinar, pela renovação geracional da profissão que começou com minha avó, e tantas discussões tentando abrir os olhos do meu pai, para que pudesse entender o valor da minha profissão, que não era de “viver da desgraça dos outros”, pretendo ao contar um pouco da minha história formativa, a partir da disciplina Ensino de História, contribuir de alguma forma para a propagação do uso do método autobiográfico, como instrumentalizador da práxis pedagógica.

A opção pela História oral decorre da especificidade do objeto, que apesar de consistir num outro desafio, não é uma novidade metodológica, pois, no Brasil, ao longo dos anos 1970, já eram introduzidas na pesquisa em educação as histórias de vida e conseqüentemente a valorização da pesquisa qualitativa, com resgate da importância das experiências individuais no processo de cons-

trução e desvelamentos de questões relacionadas à formação de professores. Nas palavras de Pimenta, Ghedin e Franco (2006), as ciências da educação compreenderam de modo intuitivo o significado e a importância do método biográfico, revelador não somente de um instrumento de pesquisa, mas especialmente um importante instrumento de formação.

Destarte, contata-se a importância da problemática levantada, que vai além das minhas inquietações mais intrínsecas, e intenciona (re)significar as reflexões sobre aspectos essenciais do conhecimento acadêmico e da profissão docente, num exercício extremamente difícil, uma vez que a pesquisa autobiográfica consiste num “desnudar-se”, diante de si mesmo e dos outros.

Um, dois, três anos: quantas lições ensinei e me ensinaram na docência do ensino de história?

*Não suporto meios termos.
Por isso, não me dão pela metade.
Não sou sua meio amiga nem seu quase amor.
Ou sou tudo ou sou nada.*
(CLARICE LISPECTOR)

Refletindo um pouco sobre minha jornada como professora do Ensino superior, me vesti intensamente da filosofia de *Lispectoriana*, principalmente, de encontro a minha jornada junto à disciplina Ensino de História. Não sei se por ter sido o meu primeiro grande desafio na atual profissão que me encontro ou pela possibilidade de tentar reinventar práticas que nunca presenciei. O fato é que, me doe até mais do que podia, mas encontra partida aprendi mais do que ensinei. Pois compreendo como Freire (1996) que não a docência sem discência, as pessoas ao ensinar, aprendem mais sobre a vida e as relações de ensino-aprendizagem. Dessa forma, admito que não me sentia professora da citada disciplina, mas fui aprendendo a ser com as experiências que me foram oportunizadas.

As discussões de Tardif (2003) já me provocavam durante a formação inicial alguma curiosidade, mas com o passar do tempo tornaram-se lição de grande valia, ao perceber que dentre os saberes necessários para minha atuação profissional, os da experiência sempre se sobressaíram aos outros. Pois, na hora de colocar em prática algum objetivo, sempre me valia dos questionamentos: Como me ensinaram esse conteúdo? Aprendi da forma ensinada? Meus alunos poderão aprender da mesma maneira? Como posso ensinar diferente? Que estratégias podem ser mais significativas? Assim, comecei a desenvolver minha práxis pedagógica, refletindo a partir da imitação de modelos, como bem descreve Pimenta e Lima (2006, p. 07):

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer ‘algo’ ou ‘ação’. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da re-elaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons. Muitas vezes nossos alunos aprendem conosco, observando-nos, imitando, mas também elaborando seu próprio modo de ser a partir da análise crítica do nosso modo de ser. Nesse processo escolhem, separam aquilo que consideram adequado, acrescentam novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram. Para isso, lançam mão de suas experiências e dos saberes que adquiriram.

Dessa forma, fiz e ainda faço, tentando abstrair do fazer degustado, apenas os melhores sabores, apesar de que, aprendemos muito também com os amargos. Muitas vezes estes, que nos furta os prazeres mais momentâneos, podem nos resguardar outros ainda mais pertinentes e duradouros. Longe de tentar defender uma filosofia de vida pautada no *Epicurismo*¹, Preciso reiterar que “nem

¹ É o sistema filosófico que prega a procura dos prazeres moderados para atingir um estado de tranquilidade e de libertação do medo, com a ausência de sofrimento cor-

tudo são flores”, e da mesma forma que na vida, aprendemos na academia, mais através dos erros, que pelos acertos. Por isso, a preparação e práxis são essenciais.

Uma ferramenta que frequentemente utilizo nas aulas é o exercício do questionamento a partir de leituras diversas e próximas do cotidiano, particularmente, me agrada um em especial: *A arte de Produzir fome* de Rubem Alves, porque ele mostra que o conhecimento não pode ser imposto, da mesma forma que a fome também não, ambos são movidos por uma necessidade/vontade de saciar sua motivação. Por tal razão, professores não tem o poder de satisfazer o processo de ensino-aprendizagem sozinhos, e sim, tentar conduzir as relações de mediação deste, em sintonia significativa com a vida dos envolvidos.

Sutilmente, as vezes me sinto vendedora de um produto: minha aula, jogo com as palavras e estratégias para convencer que o venho discutindo nela, vai servir para alguma coisa, como aquele moço da propaganda da televisão que vende seu produto de limpeza, sugerindo, sem exageros, resolver a partir da sua compra, todos os problemas existenciais dos seus consumidores. Por isso, resolvi permitir aos discentes escolher o que estudar e como fazê-lo, apresentando no início do semestre o que está previsto no currículo, através do Programa Geral do Componente Curricular (PGCC), e depois, eleger junto com eles o que pode ser mais importante na sua formação inicial, para que tais temáticas possam ser intensificadas. Tomar tal iniciativa, não foi fácil. Da mesma forma, que também não está sendo em declará-la. Mas não me arrependo ou me envergonho, ao contrário, pois faço valer, minha autonomia e dos alunos, que não chegam inertes a sua formação, sabem o que querem, e são perfeitamente capazes de emitir opinião sobre sua formação.

poral pelo conhecimento do funcionamento do mundo e da limitação dos desejos. Já quando os desejos são exacerbados podem ser fonte de perturbações constantes, dificultando o encontro da felicidade que é manter a saúde do corpo e a serenidade do espírito, ensinado por **Epícuro de Samos, filósofo ateniense do século IV a.C.**

Considero esse momento, o começo de suas práxis pedagógicas na disciplina Ensino de História.

Ferramentas da labuta docente: uma jornada de escolhas e adaptações necessárias

Normalmente, após discussões acerca do PGCC da disciplina, nesses seis semestres de experiências, onde tive o prazer de partilhar momentos formativos com mais 150 alunos no 5º período de Pedagogia da UERN, procurei manter laços de amizade, deixando-me envolver por inteiro nessa relação, da mesma forma que eles me acolheram como amiga, conselheira, mãe, vilã e etc.

Os maiores desafios diante dessa escolha foi tentar mostrar que minha proposta é seria, e não deixar me envolver por sentimentos paternalistas e assistencialistas, pois muitos começavam a me ver como *a professora muito maluquinha*, obra do Ziraldo, por minha postura e metodologia um pouco distante dos padrões conhecidos. A título de exemplo, sempre fui contra aquela prova individual sem consultas. Pois, se pregamos a ideia de construção do conhecimento a partir das relações e durante todo o processo, acredito e uso a avaliação para este propósito, tentando mostrar que ela não é um fim de classificação, e sim, um mecanismo de dosagem e aprendizagem que pode fluir melhor nas/pelas relações. Entretanto, fui conseguindo me desvencilhar um pouco dessa imagem, através do argumento e explicitação da postura adotada.

Outra dificuldade enfrentada, comum também a disciplina de matemática, foi desmistificar o repúdio a disciplina de História, preconcebido ao longo da educação básica pelos alunos. Muitos deles afirmavam odiar a mesma, por pensarem tratar apenas do passado e sem relação com suas vidas e futuro. Além disso, a esse período é reservado, a primeira experiência com o estágio supervisionado, especialmente na educação infantil.

Pensei então: Como apresentar uma nova face da História para esses alunos, que estão prestes a vivenciar uma prática que comumente não reconhece os conceitos de História no espaço da educação infantil? Depois de muito pensar, comecei desenvolvendo oficinas, que culminaram na I Mostra de recursos didáticos de História realizada a partir de 2011.1, como podemos acompanhar no **Quadro 1: Mostra de Recursos didáticos de História (2011.1 a 2012.2)**. Falar desse projeto requer outros espaços, e maiores discussões, contudo, posso afirmar que me trouxe grandes ensinamentos.



2011.1: Aluna apresentando jogo criado



2011.2: Alguns dos jogos e materiais produzidos



2012.1: Brincadeiras na exposição



2012.2: encerramento das atividades

Quadro 1: Mostra de Recursos didáticos de História (2011.1 a 2012.2)

Fonte: Pesquisa documental, 2013.

Já a partir de 2011.2, busquei aprofundar através da pesquisa melhores relações entre o Ensino de História e o estágio na Educação Infantil, organizando junto com os mesmos, entrevistas com os professores do campo de estágio, roteiro de observação sobre as práticas implementadas acerca dos conceitos de História que estão dispersos nas orientações da disciplina natureza e sociedade, rodas de conversa sobre as vivências após os trabalhos e produção de artigos, os quais utilizei como instrumentos para construção de um próprio, intitulado: *O Ensino de História na educação infantil: experiências no estágio supervisionado* que foi apresentado no Colóquio da Associação Francófona Internacional de Pesquisa Científica em Educação. Tema: Educação, Investigação e Diversidade nesse ano de 2013.

A aula de campo também foi outra ferramenta, que na medida do possível de recursos financeiros, busquei endossar a minha prática, possibilitando ao aluno experimentar desde a elaboração do conceito de aula de campo, seu planejamento e execução. Tendo em vista, ser necessária, pertinente e significativa, esse exercício, para além da formação dos saberes conceituais, também dos pedagógicos, atividade essa visível no **Quadro 2: Aulas de Campo no Ensino de História.**



Quadro 2: Aulas de Campo no Ensino de História

Fonte: Pesquisa Documental, 2013.

Exemplificadas algumas das minhas principais angústias que se tornaram motivações no decorrer desses três anos na disciplina de Ensino de História, há uma em especial, que sempre gosto de repetir, sempre nos primeiros contatos com os discente, Peço que pesquisem o significado de seus nomes, e na aula seguinte apresentem para turma, no intuito de conhecê-los e principalmente fazer com que percebam sua participação no contexto histórico-social. Tal atividade, vem resultando em grandes e profundas discussões acerca, da permanência de nomes bíblicos, modismos e significados em prol de um dado fato, mas com grande ênfase, nas narrativas de vida. As quais, me fizeram compreender que a vida pode subjetivamente ser única, mas ainda sim, ser plural no sentido da experimentação que o método (auto)biográfico pode nos proporcionar, pois, “[...]oferece a tomada de consciência de que a vida e seu devir apresentam-se como um labirinto no qual as escolhas do presente tentam entrever esse futuro que vem ao nosso encontro”(JOSSO,2008. p.49).

Nesse sentido, na medida em que as histórias foram sendo recontadas, presenciei lágrimas, risos, indignações, promessas, sonhos: coisas que a ciência positivista não consegue mensurar. Constatando que na minha labuta, sou um pouco camponesa que lida com um tipo especial de terra, e que as sementes que tenho podem resultar em bons frutos, dependendo das ferramentas que irei colher para cultivá-los.

Para não concluir...

Essa era a parte dos contos que menos gostava: O fim! Pois, as princesas não dispunham de outras oportunidades para buscar a felicidade, porque no fim já eram felizes pra sempre. Não pretendo ter esse desfecho, muito pouco que essa (auto)biografia acabe por aqui, até porque ainda não sei se um dia vai crescer tão quanto o pé de feijão do João da história, me provocando a mesma sensação

de que não saberei o que virá. Minha formação pede mais, minha vontade/necessidade de aprender está cada vez mais insaciável, e por tudo isso, a única certeza que alimento é que novas experiências virão, e que as poucas práticas por ora descritas e explicitadas, pedem maiores reflexões.

Pois daí, vem e reinventa-se minha práxis pedagógica no Ensino de História, das lições e percalços dessa jornada que persiste, e me provoca a continuar trilhando, a partir das paixões e ferramentas que são meus principais recursos, os quais sempre carrego na alma, para continuar lavrando essa identidade docente.

Referências bibliográficas

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: ministério da saúde, 1988.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GONZAGA, A. M. A pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa. In: PIMENTA, S. G; GHEDIN, E; FRANCO, M. A. S (Orgs.) **Pesquisa em educação: Alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo: Loyola, 2006.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Lisboa: Educa, 2010.

_____. In: PASSEGI, Maria da Conceição (Org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis** –v.3, n. 3 e 4, p.5-24, 2005/2006.